



“A literatura possibilita a descoberta do outro”

de Tilo Wagner

LESART, 15 abril 2021



(imagem / GlobalImagens / Carlos Manuel Martins)

O romance *Aber wir lieben dich*, tradução de *Pão de Açúcar*, de Afonso Reis Cabral, conta de forma delicada uma história real. Os assassinos de uma transsexual não eram mais velhos que ele. No entanto, a sua infância foi muito diferente.

Afonso Reis Cabral está sentado num banco do parque da Estrela em Lisboa. Uma mulher empurra um carrinho de bebé, os papagaios guincham no topo das árvores. Há 150 anos ainda havia aqui uma jaula com um leão – um símbolo das raízes africanas do colonialismo português.

Incentivo dos pais

Foi nessa altura que o trisavô de Cabral, o escritor Eça de Queiroz, iniciou a sua notável carreira literária – é considerado o pai do romance português moderno. Para Afonso Cabral, este legado familiar foi uma bênção. Os seus pais encorajaram-no, desde muito cedo, a concretizar consistentemente o sonho de ser escritor. E, porém, foi também uma maldição, porque Cabral tem sido constantemente confrontado com o seu trisavô desde a publicação do seu primeiro romance.

"De uma forma ou de outra, toda a literatura portuguesa é descendente de Eça de Queiroz. E esta avaliação é muito mais importante do que uma coincidência genética, sobre a qual não tenho qualquer controlo. Foi por isso que, durante um período da minha vida, aborrecia-me ser comparado ao meu trisavô. Não queria ser confrontado com ele, sobretudo porque sentia a necessidade de explicar qual era o meu próprio projeto".

Um caso real

Entretanto, isto tomou forma. Em 2014, aos 24 anos, Afonso Reis Cabral ganhou, com o seu romance de estreia, o Prémio Leya, um dos mais prestigiados prémios literários e um dos prémios com mais alta retribuição monetária do mundo de língua portuguesa.

Há dois anos, publicou um relato de viagem sobre o seu percurso de quase 740 quilómetros de norte a sul de Portugal. E, entretanto, escreveu *Pão de Açúcar*, o romance que agora surge em alemão sob o título *Aber wir lieben dich*.

O livro é baseado num caso real que abalou Portugal em fevereiro de 2006. Um grupo de jovens de uma casa no Porto espancou uma transsexual brasileira gravemente doente quase até à morte e atirou o seu corpo ainda vivo para o poço de um edifício abandonado.

Transformação inexplicável

Dez anos mais tarde, Afonso Reis Cabral encontrou um artigo sobre o horrível assassinato e sentiu a necessidade de escrever um romance sobre os seus autores, sobre a transformação inexplicável de jovens aparentemente prestáveis e atenciosos num bando de criminosos violentos.

"Nesta história, juntam-se os tristes destinos de diferentes pessoas. Havia aqui um enorme vazio que poderia ser preenchido pela literatura". A partir da perspectiva de Rafael, de 12 anos, Cabral conta uma história de grande emoção, passada na margem da sociedade portuguesa.

A procura por uma figura materna, por calor e cuidado, que sempre pareceu faltar na vida de Rafa e na dos seus dois amigos de casa, leva os jovens à transsexual Gisberta. Esta vive num prédio abandonado e retira do seu corpo, marcado pela toxicod dependência, doença e violência, a energia para iniciar uma amizade com os rapazes.

Os ciúmes conduzem à tragédia

Mas o ciúme entre os adolescentes e a incapacidade de canalizar as suas necessidades para algo que rompesse com os rituais da sua existência violenta e rebelde acabaria por conduzir a uma tragédia.

Afonso Reis Cabral não era muito mais velho do que os personagens principais do seu romance na altura do verdadeiro crime. E, como eles, vivia na cidade do Porto. No entanto, a sua vida educada e protegida tinha poucos pontos de contacto com as experiências dos seus protagonistas.

"Essa é uma cidade muito diferente. Com condições sociais e estilos de vida muito diferentes. E eu não tinha qualquer acesso a ela. E também Gisberta, a sua vida e a sua transsexualidade, tudo isso me era completamente estranho. Mas a literatura permite-nos exatamente isso: a descoberta do outro".

Nenhum Truman Capote

Com o zelo de um jornalista de investigação, Cabral colocou mãos à obra: estudou arquivos, ouviu testemunhas e conhecidos, percorreu o Porto e fotografou o edifício. Ainda assim, era para ele claro que não era nenhum Truman Capote e que o seu livro não seria um romance não-ficcional como o *In Cold Blood*.

As artes dedicaram já várias obras à transsexual Gisberta. Desde uma curta-metragem, a uma canção, a um poema. *Aber wir lieben dich* expande a visão sobre os autores deste crime hediondo, tornando-se num romance psicologicamente delicado sobre a incapacidade de amar.